

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

As alimarias da Rotativa

Reflexões sobre o caso do "Seculo" — A vida dos jornalistas — O sangue e o suor dos intellectuais — A mercancia das cousas nobres — Os compra chicos de la prensa — Quem são os Piratas do Mar da Tinta?

A agitada questão do *Seculo* veio escancarar diante do publico um alçapão do que se chamava outrora, nos tempos das cabeleiras romanticas, o Sagrado Tribunal da Imprensa e mostrar a todos nós — os homens de jornal — a triste condição — se tal lepra da compra se alastrar — a que ficaremos condenados. Escolher a profissão de jornalista é cousa que os pais não toleram aos filhos e os que se lançam nesta vida é geralmente com a ideia de sair dela depressa. No entanto, quasi sempre se fica anos, se acaba ali a existencia puxando a sua nora, de olhos tapados, como os animais do volteio, marcando a sua marcha, suando o seu esforço, acabando exaustos, pobres alimarias da rotativa.

E entretanto, à sua volta, lisongeando, abraçando, suplicando, toda a fauna iletrada, e mesmo a de altos talentos, se amachuca, se roja, afim de vêr, vezes sem conta, os seus nomes em bons logares nessas folhas a que o jornalista dá o seu fôlego.

Para sastisfazer um publico curioso, dia a dia, mais engulosado da sensação, faz-se tudo e a inteligencia trabalha, os nervos vibram, as ideias surgem, os estilos apuram-se afim de se cumprir a tarefa, de se puxar a nora, quasi sempre anonimamente, criando ao jornal a aura, valorizando-o, tornando-o popular. Os leitores mal imaginam o que é necessario lidar para encher aquelas colunas, onde se despejam todos os movimentos duma cidade, se vasam todos os lixos do mundo, se arrecadam todas as podridões e todas as sublimidades. De manhã ou à noite, diante do bife do seu almoço ou da torrada do chá, lendo a sua gazeta, vibrando, rindo, comentando, aprendendo o que se passa, o leitor importa-se tanto com quem fez aquella obra como as mulheres, mirando-se

ao espelho, cobertas de joias, se lembram dos trabalhos enormes dos mineiros arrancando ao filão o ouro, procurando no mar as perolas, morrendo sob a soalheira em busca dos diamantes que elas usam e às vezes atiram desdenhosamente, em dias de nervos, como o publico cheio da sua leitura arremessa o jornal.

Debruçados sobre a mesa, trabalhando em condições estranhas, fazendo as digestões durante a labuta, arruinando-se nesse exaustivo trabalho das noites, a alimaria da rotativa, começa pela transpiração lenta que lhe borrija a fronte e acaba suando sangue. Os anos decorrem e vai ouvindo dizer que a imprensa conduz a tudo, e, como se fôsse um enfeitado, um destes monstros de crenças roçando pelo martirio da decepção, queda-se à espera, vendo embranquecer os cabelos, chegarem as rugas, acudirem-lhe aos labios as hemoptises com o fel dos seus destróçados ideais.

De que serviu o seu esforço, para que lutou tanto? Qual foi a sua missão na terra? Se S. Pedro lho perguntar—porque o jornalista bem merece o ceu—ele, com o resto do espirito da classe, poderá responder: fui a alimaria da rotativa tirando a agua que todos beberam, menos eu.

Com efeito, assim é. Sem se dar por isso, às vezes por amizade, outras por simpatia, algumas para não aturar insistencias vão-se enaltecendo valores que não existem, intitulado de illustres as nulidades, sentindo-as subir emquanto se continua à mesa da redação enchendo os linguadros guindadores de traficantes.

A par desses êrros, desses crimes mesmo, nascido dum habito generoso, é certo, quantas grandes obras não produz uma pena forte de articulista em lucta das sociedades, rangendo no papel transtormando as ideias em bolas, que vão zunindo pelo mundo, ferindo, ricocheteando atingindo os alvos. Nasce então a gloria do bem fazer; como uma aurèola se forma em torno da cabeça do jornalista que fez da sua profissão uma obra de justiça.

Sucede assim e acontece tambem o contrario. Imiscuem-se, às vezes, nos periodicos os que maculam a sua missão, os exploradores, os vís, os *chanteurs*; fauna roedora alimentando-se duma ideia como um burro devorando rosas. Criam-se gazetas para esse efeito nas quais os verdadeiros jornalistas não devem ter contactos mas, infelizmente, a vida é dura e a familia em casa péde pão quotidianamente. Toca a suar sangue, a deixar exaurir as veias para que um patife arranque uma negociata, um miseravel vença um homem de bem, uma causa justa se torne repelente e o periodista se enoje de si proprio como um juís vendendo a lei ou como um padre comungando na missa negra.

* * *

O que se pretende fazer de toda a imprensa—felizmente ainda existe a honesta—é uma maquina nobre movida por malandros.

A época utilitaria que corre vê em tudo uma acção corruptiva. Os homens de negocio—sobretudo os ansiosos da opinião para as suas traficancias—começaram a encarar o jornal como uma mercadoria e os seus redactores como caixeiros; os edificios onde eles se instalam, as continuacões dos seus estabelecimentos, pouco faltando que como tais os crismem: *A Voz do Povo*—Sucursal de Chouriços do Poço Bispo; *A Justiça*, estabelecimento n.º 2 dos Grandes Depositos de Vinho do Porto Brandão; o *Clamor*, filial da Industria dos Tamancos Reunida, *A*

Razão, jornal popular, órgão da comandita dos Armazens de Graxa e Farinha.

Não haja duvida. Tudo quanto no mundo existe de belo, de digno, de superior, de intenso, desde o ideal justo até ao pudor, os homens pretendem ganhar adquirir para seu uso e para seu trafico. O jornal entrou nessa categoria e o que o publico, até certo tempo, imaginou digno e são, sentiu ardente no combale e escutou numa ansiedade de glorificar as cousas honradas, começa a aparecer-lhe como um objecto de mercancia onde uns rapazes palidos, debruçados sobre mesas largas deixam cair bocados das suas consciencias enegrecendo o papel. E o peór—os leitores, agora já o sabem, diante deste bastidor do *Seculo*,—é que não se trata sequer da consciencia de cada um; não é dela que sai a factura do jornal.

Para a maioria é a tarefa mecanica a fazer-se, é a volta à nora calcando o chão de olhos tapados, na sua marcha útil mas sem consolo, de alimaia da rotativa; para os que teem de exprimir ideias, de erguer planos, de entrechocar as armas, para os que são nesta galé os pseudo chefes—se realmente se chegar ao fim desejado por certos homens de dinheiro—a vida começará a ser tambem uma escravatura, paga, com pouca larguesa, do producto desse voltear incessante do redactor de tiro em torno da sua nora,

Todos os dias o delegado dos capitalistas lhe meterá na mão dois papelinhos: num vai a nota dos artigos a escrever, noutro a correcção ao jornal da vespera. E imagina-se as cousas terriveis que estes individuos do balcão, do negocio escuro, da traficancia, exigirão!

Sei bem que sem capital não se póde montar uma grande empreza moderna, como não é possivel fabricar um couraçado, mas compreendo, acima de tudo, que o dinheiro apenas deve exigir os seus juro de industria. O jornal, comprado pelos individuos da negociata, traz consigo uma missão horrivel: a de falsificar ideais, a de torcer pensamentos, a de esmagar principios como os seus donos adulteram os vinhos, mixordeiam os generos alimenticios, contrafazem as marcas estrangeiras ou as farinhas; as maquinas desses jornais moem tanta porcaria como as das autenticas fabricas onde os moageiros teem a sua séde, querendo possuir nas gazetas as succursais.

E a pobre almaria da rotativa, adquirida exatamente como se fosse um rolo de papel ou uma caixa de chumbo, lá vai deixando cair as suas bagas de suor, logo transformadas em sangue, esmagando-se, por fim, entre as dentadas rodas do engenho poderoso, que impulsiona, tornado tão mercante como o patrão mas sem obter os beneficios dele. Um jornalista, nestes termos, não passa dum caixeiro encarregado de impingir ao publico mercadorias avariadas. Assemelha-se, por vezes, a um capoeira alugado para anavalhar, parece-se ainda com um pantomimeiro enaltecendo os valores negativos de seus elixires e de seus autores. No fundo é, geralmente, um excelente rapaz com mais fraquesa de estomago que de cérebro, as algibeiras pletoricas de cautelas de penhores e com a mulher em casa a chorar ante dificuldades da vida. Instrumento da riqueza do proprietario da gazeta, acaba por ser o defensor dessa prosperidade de que não partilha e a lançar-se ousadamente contra os honestos ou a cortar-lhes raivosamente os nomes das noticias, se acaso escreveu as verdades aos punhos, fustigando o temor de alguns camaradas com o seu desassombro e a sua audacia. E' que ninguem imagina quanto custam nesta época

mercantil os rasgos e os ataques! Eu tive que criar os *Fantoches* para expôr o meu sentir, criá-los só eu — sem a inspiração de quem dizem me conduz — o amigo e o companheiro que a meu lado trabalha —; tive que lançar toda a minha alma neste papel para me defender porque não poupei miseráveis. Não uivei com os lobos; puxei a rotativa do empresário só até á hora em que vi toda a realidade cruel que aqui deixo descrita.

Nesse tempo, porém, não nos obrigavam a ser mercadorias nem pediam a certas pessoas que defendessem negociatas. Os jornais apareciam com pudor, embora enriquecendo, com aquilo que não diziam, mais do que se o dissessem, os seus donos que hoje gosam largamente a vida, enquanto nos cemiterios jazem muitos dos que serviram as suas ambições, as bestas da sua nora, as alimarias das suas rotativas. Se em cada coval de jornalista caído assim, houvesse a piedosa nota duma cruz admirar-se-hiam os leitores de tantos desditosos o terem servido e talvez quando tomassem nas mãos os seus jornais pensassem um pouco nos que estão á beira dessas sepulturas.

Agora são tambem as valas morais que se abrem. O trafico desmascarou-se. Sabe-se que num jornal ou em mais, tudo quanto se escrever é com um fim reservado e que, assim como na guerra os soldados marcham sem consciencia, tambem dentre eles ha quem ganhe a vida parcamente, servindo, até á morte, os compradores das suas penas.

Repito, que o capital é necessario para as empresas jornalisticas como para as outras, mas não é o de aluguel de consciencias aquele que pôde convir a quem deseja que a imprensa volte a ocupar o seu lugar antigo, a ser o Sagrado Tribunal, em vez da Sucursal de Secos e Molhados de todo o fiel falsificador.

Sobretudo é doloroso sentir tantas inteligencias extenuadas, tantas boas vontades a mover-se, tantas faculdades admiraveis gastando-se para aproveitarem ás mentiras, ás imposturas, ás infamias dos senhores de engenho de quem tantos sentimentos altos e nobres se tornam moleques de carga e de pontapés, postos ao serviço dessas «compra chicos de la prensa». Tudo quanto ha a combater morre contra as trincheiras profundas dos egoismos de tais patrões, tudo quanto ha de grande a defender se achata e se amolga ou se quebra contra as altas fortalezas das sacas de farinha, dos cascos de vinho falsificado, dos cofres fortes — as armas poderosas de hoje — que aparam, indemnes, os golpes da nossa indignação.

E' a eterna lei da vida. Quixote sai á estacada; Sancho tranquilamente ressona e quando o cavaleiro falece o escudeiro chama-lhe doido. Neste caso dos jornais e dos jornalistas, o publico encolhe os ombros — até que acorde — e vai perguntando — creiam-no os camaradas — quem serão os Piratas, do Mar da Tinta? Os que escrevem sem revolta, ou êles os que pagam para a abafar?

O General do seu impedido

O meu visinho militar—Suas manobras—O que eu pensei de tanto barulho—Um parque de artilharia num terceiro andar — A cavalaria e as cargas—Descobre-se o misterio

Singulares revelações fez no parlamento o deputado monarchico Carvalho da Silva. O exercito portuguez — disse o representante realista — tem 12503 soldados e 8948 officiaes e sargentos. Que e dizer: menos de duas praças por cada chefe.

Eu de há muito tinha notado que alguma cousa de grave se passava na tropa e foi isso até o que me obrigou a mudar para longe dum campo de manobras, existente no 2.º andar do predio onde residia e no qual morava um dos nossos mais illustres generais; capitulo-o assim porque jámais vi militar tão carregado de condecorações, fitas e dragonas.

Logo de manhã ouvia este grande cabo de guerra mandar avançar a artilharia e, numa correria enorme, como se arrastasse todo o seu mobiliario, as peças deviam mover-se, embora o inimigo não apparecesse. Era certo que o ruído do canhão não subia, mas imaginei morar ali o auctor da polvora silenciosa e sem fumo. De seguida, embora não soassem tambores, nem trombetas, eu comprehendia bem, pela correria, que a cavalaria avançava numa carga furiosa. Até parecia um cão correndo atrás de um gato que não tivesse escapula facil. Depois, marcava-se passo cadenciada e gravemente, num rumor certo: não havia duvida; ia passar a infantaria naquele restricto mas marcial parque de tactica.

Manobrava tambem por ali o telegrafo militar; ordenanças — uns lanceiros esguios como arenques, escanchados em sombras de cavalos — appareciam trazendo papeis lacrados numas malas de couro com as letras de metal despegadas.

Decididamente, eu, homem de trabalho metódico e calmo, apesar de toda a paixão que tenho pelo exercito e do amor sentido pelo meu país, não podia tolerar nem mais um dia semelhantes exercicios matinaes.

A voz rija, forte, ressonante do chefe ouvia-se como um grito à antiga, das eras em que se clamava por S. Jorge e por S. Tiago.

Antes de conhecer a sua profissão, de o ter visto sem galões e medalhas, imaginei que o visinho ralhava com a familia e como, apesar de jornalista, nada tenho de bisbilhoteiro não indaguei jámais de quantas pessoas se compunha aquele tumultuoso lar.

As palavras escutadas, não havia duvida que eram magnificamente militares, tinham uma chancela de caserna e de picadeiro, aquele barulho intenso das madrugadas e, certo cheiro que se espalhava na escada, marcava o tão característico odôr dos regimentos em marcha, porém eu continuava a convencer-me de se tratar de questões de familia, pois não sabia a que attribuir semelhantes clamores, rugidos e arrastamentos de moveis.

Tratei logo de arranjar outra casa, muito longe do meu antigo visinho general; saí as portas da cidade como quem atravessa a fronteira e fiquei entre os meus papeis, diante dos meus livros, mais tranquilo de nêrvos e de consciencia. Cada vez que me lembrava do barulho atormentador perguntava a mim mesmo se aquele homem de bigodes hirsutos, peito saliente, ar audaz de quem só espera a vitória, embora tenha que pendurar as medalhas nas costas, não acabaria por mater alguém naquele constante torvelinhar de louco.

Como se sabe sou muito fantasista e imaginei o meu visinho general devorado por um grande desgosto, nascido da falta de um plano que lhe permitisse ganhar para o país novas batalhas e para a sua frente a corôa de louros. É verdade. Julguei-o tomado de tresloucamento épico. O caso não era menos. Sim, que isto de um militar, metido num 2.º andar da Baixa, dar todos os dias ordens à artilharia para tomar posições, à infantaria para a apoiar e à cavalaria para bater o terreno, em cargas successivas, não abona muito o juizo de quem tais vozes de comando alastra marcialmente.

Depois como eu regulo as legiões — conforme as teorias de Polybo — pelos viveres indispensaveis à sua manutenção e apenas via entrar para casa do visinho um soldado com um pequenino cesto, mais me confirmei na ideia da doidice e decidi-me, a peso de notas de Banco — que não sei como pagar — a deixar aquela residencia.

Agora, ante as revelações de Carvalho da Silva, compreendi tudo: O general fazia as suas manobras com a divisão que lhe compete: o seu impedido.

E lembrar-nos — oh! S. Tiago! — que succede o mesmo em 8948 lares!

Carta a Vasco Borges, o Sindico, ou quem as suas vezes fizer

As ideias expressas nos "Fantoches",—A força da praça da Greve—Como Clement Vautel queria lêr os jornais — A lei sobre os commerciantes—O que se decide em relação à Moagem—Primeiro a Razão, depois a Justiça

É crível que não seja o amigo Vasco Borges, o juiz sindico nas horas da saída deste panfleto mas para si ou para quem tais funções ocupar vão as linhas dedicadas a você com amizade e um apêlo e para outro apenas como aviso.

Meu amigo: o que o govêrno põe — ou tenta pôr em pratica — é um pouco do programa e das ideias dos *Fantoches*. Já aqui tínhamos — eu e o Roberto — indicado um caminho o que, em parte, sinto seguido todavia com uma lacuna enorme — tão larga como um oceano — a qual não será transposta ou apagada. Ante esta existencia lhe falece a autoridade para o resto do traçado ser cumprido dignamente.

Esse titulo de *Sindico*, que os *Fantoches* não acharam, nem mesmo diante do quadro tão poderoso de côr harmonica onde se marca o genio de Rembrandt, tem obrigações formidaveis porque significa, mais do que em qualquer outro momento; «o escolhido para zelar ou defender os interesses duma associação ou classe.»

Deviam ser assim, assíduos na procuração, aqueles magnificos burgoezes de negro trajados, com suas golas de rendas alvas e seus emplumados chapéus que o pintar flamengo immortalizou no quadro, naturalmente, por êles encomendado, ao lisongear-se com o titulo de *Sindicos dos Fanqueiros ou Mercadores de Pano*. Defendiam esses os interesses de tal commercio. O *Sindico actual* tem que pleitear pelos de todos contra os desses negociantes e de muitos outros. A altivez dos rostos rembrandescos é a que deve gravar-se, com a satisfação do dever cumprido, nas faces do magistrado encarregado de tão grande justiça.

Trata-se de investigar dos lucros exagerados, de penetrar nos armazens, nas lojas, nas fabricas, nas oficinas e procurar as subidas dos preços, achá-las e puni-las, conduzir até à prisão ou à ruína aqueles que pretendem expoliar toda uma sociedade. Os meios tem que ser fortes, audaciosos, sem desvios para que os fins resultem puros, e a missão so-

cial se cumpra sem alcançar inocentes. Assim como para os culpados desejo mais do que os castigos expressos na lei — aquilo é muito reduzido — me coloco ao lado dos que poucas culpas tenham ante as maiores de todas.

Ha dias, um deputado francês, o senhor J. L. Dumesnil, ao ouvir o senhor Cheron, ministro da agricultura, declarar que «a arma libertadora de todos povos é a charrua», exclamou: «E a forca!»

Um publicista illustre, Clement Vautel, aplaudindo o representante do povo, no seu ar ironico mas dum fundo rebelde, acrescentou:

— *As charruas são precisas, mas as forcas tambem, muito altas e colocadas em bons sitios afindi de todos aqueles que teem andado de lingua pendente possam vêr os seus exploradores fazer o mesmo.*

Sempre do mesmo modo o escritor deseja lêr nos jornais o seguinte:

«A nova forca erguida na praça da Grêve foi inaugurada por mrs. Cheron e Dior, ministros da agricultura e do commercio. Três intermediarios acusados de terem realisado escandalosos lucros foram enforcados com successo ao som de um «pot-pourri», brilhantemente executado pela musica da Guarda Republicana. Pronunciaram-se varios discursos e a festa acabou por um alegre baile popular.»

Eu estou muito longe deste exagêro, mesmo ante os que exageram os preços. Já outro dia disse que estes individuos se ferem na bolsa, se sangram nos cofres fortes. De resto, a aplicar-se esta receita francesa dentro em pouco o sentimento nacional faria de cada ladrão um martir, um canonisado e iria para o ceu inacessivel á custa das cordas de esparto.

Não vou, pois, encetar hoje, como não aconselhei hontem, esse caminho e — embora isso cause espanto — tambem lhes digo — meu caro Sindico — eu, homem de rebeldia e de justiça — que não posso concordar, de momento, com o trabalho que você ou quem ocupar esse cargo vai fazer.

O que procuram? Lucros ilicitos, alteamentos de preços a belo prazer do negociante, a exploração, o dolo?!

Está bem. Mas o governo portuguez não tem, por enquanto, autoridade para avançar tais passos.

Trata-se de fazer justiça, de entrar nas lojas e vêr as escritas, de multar os gananciosos, de os enclausurar, de os degredar, de lhes fechar os estabelecimentos ficando o público com a garantia da honradez dos que continuarem abertos. Isso deve agradar imenso aos commerciantes honestos aos industriaes sérios, aos homens de negocio de legitimos lucros mas — vejam lá como são as cousas — desagrada-me tanto que já estou arrependido da minha campanha nesse sentido.

Porquê?! — perguntarão os meus leitores tão prontos a acolher estas paginas e interrogará você, Vasco Borges ou o senhor Sindico.

Porque não tem autoridade o governo — repito — para ir remexer em livros de negociantes, fechar casas e arruinar, ao mesmo tempo que deixa em paz outros Razões e Caixas, escancaradas e sem fiscalisação certas fabricas a enriquecer os seus proprietarios.

A carestia do resto das cousas, veem directamente do preço do pão e o governo portuguez consente-a, não por uma necessidade, mas para que se locupleteiem riquissimos moageiros.

Dir-me-hão serem largos os lucros dos commerciantes de arroz, de legumes, de fatos, de botas, de vinho, de mobiliario; pois bem, eu dir-lheis-hei «incalculaveis são os da moagem» e emquanto não a meterem

na ordem, não podem, à face do bom direito, tocar em mais ninguém. Então o logista, o advogado, o intelectual, paga as suas decimas que vão todas direitinhas para o trigo do qual a industria tira proventos pingues e dinheiro sem conta e ainda hão de ser defraudados—emquanto êle—colossal tenia que envolve o intestino nacional o suga e o arruína? Triunfante, protegido, recebe o grão loiro e devolve em pão negro fabricando das suas melhores particulas as massas, os bolos, os biscoitos de luxo que são roubadas a todos nós?! Não pode ser. O pão e o seu preço são reguladores da vida social, são a balança, o padrão a chave de todas as oscilações dos outros productos, num país onde é o contribuinte que tem de esportular duas vezes para que êle se fabrique e o possa comer: no imposto e na compra.

Pois bem. Desde que assim o paga, ao menos saiba não ir o seu dinheiro para os bolsos dos moageiros. Ha já Roylls-Royce de duzentos contos atropelando gente em Lisboa.

Vamos a fazer uma obra que dure; vamos juntar-nos em torno de quem queira baratear a vida, mas com justiça. Primeiro, tratemos da moagem que nos rouba, que compra tudo—palacios e camions, consciencias e fermento francês—e que deve ser reduzida à sua expressiva função: moer. Entrega-se-lhe o trigo, devolve-o moído para o fabrico dum só tipo de pão. Os restos, a sêmea, o farelo, lança-se no mercado. Mas ha mais: é necessario averiguar e já, dos seus ganhos e se ha falsificações nos seus papeis, é preciso encarregar algum guarda livros perito e honrado—e ainda assim bem assistido—de procurar quanto ela recebeu até hoje. São os quinhentos mil contos de que falou Trancoso, antigo ministro das finanças—e nosso amigo—meu caro Vasco Borges—São, realmente, esses milhões rolando, os beneficios da moagem? E' necessario que os pague. As fabricas devem valer o bastante para sua garantia.

Acautelem-se, porém, vocês, os Sindicos, porque essa maçonaria da farinha é poderosissima e tem muitos agentes, ganhões e interessados. São capazes de tudo. Nos seus jornais ordena—como eu tenho a prova—insultos. Sobre os trabalhos de quem não os servir votam o silencio; nos seus ágapes deliberam eleger vereadores e deputados que eles entendem e depois lhes façam os fretes, exactamente como adquirem faquistas. Nos seus odios são capazes de mandar ir mais além. Compreende, Vasco Borges?! Até ao infinito, até ao incomensuravel.

Calcule que anda ha dias um dos aquadrilhados, acusado de sonegar massas feitas com a farinha roubada ao nosso minguido pão, recebeu todas as homenagens das autoridades, e, aliançado em uma quantia minima, comparada com a dos seus proventos acompanhado por um advogado de fama, pode tranquilamente fumar o seu charuto, numa sala dos Abastecimentos, enquanto o automovel o esperava com *chauffeur* pomposo.

E fala você—pobre Sindico—nas cadeias, nos disticos à porta dos estabelecimentos, na expropriação das lojas de outros comerciantes?! Não. Primeiro, meu amigo, vamos pôr a Razão ao lado desses passos energicos que é imprescindivel ensaiar para que a revolução—feita de fomes e de despresos, nascida da audacia e da impudencia desses novos ricos—não estale e seja impossivel dominar-lhe os efeitos terriveis. Eles não vêem que você os está defendendo, querendo vêr barateada a vida porque desta vez—eu sinto-o, ouço-o, palpo-o, e prevejo-o—contra eles, todos se mexerão.

Por mim — proletario da pena — encaro serenamente as consequências desses abusos, desses ganhos illicitos, dessa exhibição de riquezas roubadas a todos nós. Vejo a moagem como os franceses viam Fouquet a construir os seus magnificos dominios de Vaux e a sustentar os seus cosinheiros a peso de ouro enquanto o povo vasava as suas economias no tesouro para que eles tratassem dos paladares dos convivas desse superintendente das linanças ladrão elegantissimo, opulento como um nababo, vaidoso como um autêntico *parvenu*. Encara-os como um symptoma de má época e como uma causa dos nossos males, mas como alguns delles vêm por bem, é crível que se tire deste horror alguma conclusão agradável. Se não a dominam ela gerará a revolta de character social da qual serão vítimas. Quem sabe se, um dia, traçarei o quadro desses grandes ricos em fuga, amaldiçoados por aqueles que hoje gastam tinta a seu soldo. Em fuga?!... Já digo que prevejo cousas alucinantes.

Para as evitar — amigo Sindico — vamos a realizar a grande obra que neste panfleto tenho esboçado, vamos deixar-nos de campanhas politicas ante a questão economica e principiemos por quem mais a agrava. Carecemos, e desde já, acabar com essa infamia da moagem nos roubar o alimento são fabricando com elle — que nós compramos duplamente, já o disse — as *delicatesses* de que se nutrem os seus cofres e vão engrossar os que teem no estrangeiro.

Sem isto é uma injustiça atacar os outros negociantes, porque cada beneficio que se obtiver é todo pela moagem engulido e o Estado não pôde proceder como um carrasco que herdasse de certos criminosos para alimentar fartamente outra quadrilha.

Do "Manga de Alpaca" ao manga de bomba

Os anarquistas-burocratas - Quem lhes deu
emprego - Ideias dos velhos funcionarios - Do
Deus Garde a V. I. X.ª ao Saude e Fraternida-
de - Como se fazem revoltados - A mecanica
de dois gestos

Como se sabe, o senhor presidente do conselho fez a descrição dos empregados publicos que servem o regimen e em tais termos que não resisto a arquivá-la: intitulou-os de anarquistas, de adeptos da C. G. T.

Eu nunca fui empregado publico, mas tenho a impressão que deve ser a profissão menos compativel com um libertario: primeiro porque serve o Estado; a odiada maquina da Ordem — onde é, já se vê; — segundo, porque uma hierarquia, mais formidavel que a da propria Igreja, existe dentro das repartições. Quero eu dizer: existe nas secretarias dos países estrangeiros e com todo o respeito de grau para grau.

Ora como se anichariam esses anarquistas no Terreiro do Paço, enquanto tantos conservadores atormentadamente fazem da vida uma bomba que a todos os momentos esperam ver rebentar?

Ante aquelas afirmações claras, sem embargos, do chefe do governo não ha que duvidar da existencia de anarquistas entre o papel almaço, nem das suas mãos desordeiras escrevendo nos officios «Saude e Fraternidade», tampouco dados os seus trazeiros sentados nas almofadas de vento dos antigos mangas de alpaca. Mas como escalaram aquelas posições? A d.namite?

Puzeram um rastilho na C. G. T. e ante a ameaça de se perder esse ninho de pollicantes da Arcada, de voar até ao Tejo, a afundar-se para sempre, um governo aterrado catalogou-os de amanuenses, officiais e chefes de repartição? Foi assim? Começo eu a duvidar.

Das duas, uma, ou o senhor presidente do conselho não disse a verdade ou nego, pelo conhecimento que tenho dos principios anarquistas, que eles se possam fixar numa repartição, usar submissões ao existente, obedecer ao chefe. Não. Não ha anarquistas dentro dos officios; o que ha é a geração que sucedeu ao manga de alpaca, ao metódico, ao calculado, ao pendular manga de alpaca.

Já não se lembram dele os funcionarios da republica e se acaso encontram algum lá pelos corredores, olham-no como se fôsse uma mumia deambulando naquelas pesadas sombras da burocracia.

O *manga de alpaca* era um homem sossegado que entrava a horas na repartição, pousava o embrulhinho do *lanche*, o seu pãozinho com chouriço ou a sua fatia com manteiga, enfiava a tal manga lustrosa, e, muito grave, dentro do seu colarinho, de pena entre os dedos, ia traçando em magnifico bastardo, as palavras sacramentais: *Deus Guarde V. Ex.^a*

Como se vê, nessa época, Deus assistia aos officios, mesmo aos que não eram divinos, e quando se entrava numa repartição, era-se logo atendido embora não se satisfizessem os nossos maiores desejos: que foi sempre o de não pagar contribuições.

Descendo do seu leito, roendo o seu bife, olhando o seu relógio a miúdo, penetrando na Arcada, subindo à secretaria, escondendo a fatia no cesto dos papeis, enfiando a sua *manga de alpaca*, traçando os seus documentos em boa caligrafia, sendo a maquina e sendo o funcionario, assim passava anos e anos o velho burocrata português. O seu futuro consistia em chegar a chefe ou em ter um cantinho de pão para a velhice: a reforma. Era obediente, serviçal, pacifico, usava uns trajos pouco vistosos e nunca falava alto na rua. Só receava duas cousas: Deus e o chefe; o Supremo Architecto do Universo e o senhor Conselheiro Director Geral. O ministro era uma cousa que elle sabia existir, mas jamais vira, porque, quando adregava ouvir o chouto de um cavallo à beira da portinhola de um trem, se curvava tão reverente que lobrigava tanto quem ia dentro do *coupé* como os indios, mergulhados no pó dos caminhos, descobrem os andores das divindades. Tinham um ar lavado, feliz de animais de pastio, os velhos *mangas de alpaca*.

Ora como succedeu a essa geração calma e cumpridora a actual, endemoninhada e tumultuosa? Como foi possivel transformar as repartições, onde errava um cheiro de papel velho, de simonte e de roupa passada a alfazema, nuns logares onde — segundo diz o presidente do conselho — se anicham anarquistas?

Visto estar posta de lado a hipotese de uma escalada brutal, de uma batalha, pelos logares a dinamite, deve-se procurar quem empregou semelhantes revolucionarios, que documentos lhes exigiram, quais as habilitações requeridas para os cargos? A resposta vem límpida e natural. Foram os governos da república, no dia em que substituíram o *Deus Guarde V. Ex.^a*, arcaico, meticoloso, da *manga de alpaca*, pelo *Saude e Fraternidade* do moderno estilo. «Saude e Bichas» é um velho proloquio português, sarcastico e folgazão; Fraternidade é uma locução que parece dizer: somos todos compadres. Daí a balburdia desde que isso — com o curso de revolucionario civil — foi o bastante para entrar numa repartição ás vezes até, para começo, pela chefia.

Já se vê, pois, que se ha anarquistas no funcionalismo a culpa é de quem os meteu nesses reductos da Ordem e da Obediencia.

Mas a troco de quê?! perguntar-me-hão. Em cambio do auxilio que elles lhe deram para a revolução de 5 de outubro.

Nesse momento os homens do regimen deixaram de ter autoridade para censurar os cumplices, desde que nas suas ideias procuravam amparo. Nesse instante, tambem, liquidavam-se os anarquistas revolucionarios visto o estado ser uma parcela do seu ideal.

Não ha, pois, libertarios nas repartições; o que ha é um ministro que dá as chicotadas de desdem aos que o serviram para se guindar e porque se elevou, acha ser agradavel aos conservadores vendo-o repelir os velhos companheiros.

Ora isto é que não podia suceder com os *mangas de alpaca* porque jamais um ministro lhes dirigira a palavra nem para lhes pedir lume, quanto mais para lhes solicitar dinamite.

Depois a imoralidade desta dissolvença do mando conduz a todas os gestos. Um dos funcionarios, disse em plena reunião, que os potentados plutocratas dominam nos altos poderes do estado. Explicou, nestes termos, um facto que deve ser notado: *Olhem, meus senhores, eu sou agente de fiscalisação do Ministerio da Agricultura e quando da prisão do senhor Carreira de Sousa tudo tremeu, até o proprio ministro.*

Vê-se a subserviença de cima, a anarquia do poder. Mas quem é este ministro que tremeu: E' um homem acusado de roubar um livro raro pertencente ao estado e ainda de andar metido em negocios. Quem fala da segunda parte? Um republicano historico, o senhor Meira e Sousa, na *Capital: O senhor Fontoura da Costa é empregado superior duma poderosissima casa comercial e bancaria de Lisboa. Quando da ultima reconstituição ministerial, por motivo da demissão do triumvirato — Durão, Navarro, Lima — (tres antigos monarquicos, isto afirmo eu, homens de ganhar o soldo da republica) foi aos escritorios dessa poderosa casa comercial e bancaria que os senhores Antonio Maria da Silva e Azevedo Coutinho se dirigiram a procurar o senhor Fontoura da Costa para o convidar a aceitar a pasta da agricultura.*

Quero dizer: o senhor presidente do conselho clama contra os anarquistas quando só ele gera revoltados nos funcionarios que coloca ás ordens da plutocracia. Por isso, assim como, no tempo velho, os amanuensas enfiavam as suas mangas de alpaca para traçarem o seu cursivo, agora os burocratas arregaçam as mangas do casaco para fazerem ao poder os seus mais expressivos gestos.

O diabo é que quem os recebe e os paga é a nação já tão debilitada que nem braços tem para os devolver.

Opiniões de vários e ilustres membros do regimen àcêrca de "Basilio Teles"

Alguem se lembrou de pedir a alguns dos homens mais representativos da republica, áqueles cuja fé de infancia jámais esmoreceu, as suas ideias e pensamentos àcêrca de Basilio Teles. Os «Fantoches» publicam hoje a colaboração dessas entidades de cuja alta fé republicana não se pôde duvidar, embora os acusem de adesivos, o que é falsissimo. Basta lê-lós para sentir todo o ardor do seu grande interesse pelo regimen onde têm occupado os mais altos cargos:

Basilio Teles, visto á luz da utilidade publica, teve um capital deleito. Escreveu demais e foi ministro de menos. Eu sou de opinião que assim como os homens não se medem aos palmos, lambem não se mede o talento pelos livros de cada um. Se assim fôsse, como se comprehenderia Afonso Costa, astro luminoso ao contrario do outro que só na sombra vivia.

ALMEIDA RIBEIRO

Antigo Ministro do Interior e Deputado

*
Não conheço no partido nem no regimen semelhante nome. Ouvi-o pronunciar como germanofilo. Inimigo das instituições, morreu só. Ninguém quer andar com más companhias.

(Telegrama de NORTON DE MATOS,
antigo Ministro da Guerra, Alto Comissario em Angola)

*
A vida de tal homem é fenomenal. Tinha ideias, planos, projectos e esteve para ser ministro tres vezes! Era um caso tetralogico num predio de Matozinhos.

PORTUGAL DURÃO

Deputado e antigo Ministro das Finanças

Dos livros de Basilio Teles ha um que não sei bem para que foi escrito. É a *Carestia da Vida nos Campos*. Já outro dia me expliquei bem. Que importa a carestia do feijão, se eu o não como? A que vem o livro, se eu vivo na cidade?

FONTOURA DA COSTA

Oficial de marinha, empregado da Casa Burnay e Ministro da Agricultura (naval?)

*

Lembro-me de ter ouvido a o maior estadista do mundo, a o Afonso, meu augusto irmão da Costa, que esse homem pertencia à raça do Bruno com o qual tivera um conflicto. Não é do meu tempo na Constituinte, depois de termos feito a república.

ARTUR COSTA

Contador e Senador, antigo regenerador da Patria.

*

O Basilio Teles? No 14 de maio ouvi falar nele para ministro da guerra. Por mais que procurasse no Almanack do Exercito, não encontrei. Será parente de um Sebastião Teles que foi do meu curso?

CORREIA BARRETO

Antigo ministro da guerra, presidente do Senado.

*

Num dos ultimos artigos que publicou no *Primeiro de Janeiro*, vem uma asserção pouco de republicano. É a seguinte:

A promulgação em abril da lei ditatorial da separação do Estado das Egrejas.

Dictatorial?! Tudo quanto se fizer neste sentido é constitucionalissimo. E digo-o eu que fui padre e até tenho santos na familia.

JOSÉ DOMINGOS DOS SANTOS

Deputado, antigo ministro do Trabalho.

*

Sob o ponto de vista diplomatico não pode ser considerado Basilio. Já se viu diplomacia se fazer sem frack se usar?! Julgo desconhecida desse homem de pensamento a inutilidade de função tal. No externo culto está o verdadeiro triunfo.

BARBOSA DE MAGALHÃES

Deputado, antigo ministro dos Extrangeiros

Basilio? Muito pouco conhecido na praça: Que escrever pois?

LIMA BASTOS

Antigo ministro do commercio

Quando se proclamou a monarquia no Porto, passeava nas ruas. Quando se reimplantou a república, fechou-se a sete chaves. Passado o perigo é que se escondeu. Eu, decididamente, não compreendo.

PEDROSO DE LIMA

Antigo ministro da guerra

Esse tal Basilio Teles parece-me que foi um dos revolucionarios do Porto que se escapuliu e eu, sendo tenente, ataquei. Julguei que tivesse morrido ha mais tempo mas confundia com o capitão Leitão.

CERVEIRA DE ALBUQUERQUE

Antigo ministro das colonias, coronel reformado e director geral do Ministerio

Era um filosofo do tempo de Mousinho da Silveira. A mesma escola com menos democracia. Tive-o sempre como suspeito e disse-o no Maxim às pequenas e aos rapazes. Eles aplaudiram-me e não me deixam mentir. Coloco-me sob o seu patrocínio.

COUCEIRO DA COSTA

Antigo ministro da justiça e ministro em Viena d'Austria

